



4615 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PROBLEMATIZANDO O ÓDIO À DIFERENÇA NAS TRAMAS DA CIBERCULTURA: RASTROS E RESTOS DO (IN)HUMANO
Felipe da Silva Ponte de Carvalho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Fernando Altair Pocahy - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

PROBLEMATIZANDO O ÓDIO À DIFERENÇA NAS TRAMAS DA CIBERCULTURA: RASTROS E RESTOS DO (IN)HUMANO

Resumo: Nesta cartografia-cibercultural, analisamos como se produzem formas de aprender-ensinar a odiar outrx[1] em nosso tempo. Para isso, problematizamos reflexões sobre acontecimentos que compõem a ambiência de guerra de ódio à diferença, através de rastros[2] na arquitetura líquida da cibercultura. Com isso, traçamos algo das redes (de)formativas que servem de incubadoras para promoção de atos de ódio. Como desdobramento desta investigação, destacamos linhas de discursos expandidos; liberdade privilegiada; patrulha letalizadora; e formas de autorização e legitimação do ódio.

Palavras-chave: Cartografias ciberculturais. (De)formação. Ódio em rede.

1. Ambiências (de)formativas para o ódio

Este estudo problematiza os efeitos da produção de múltiplas ambiências digitais para novos modos de subjetivação na/da contemporaneidade, evidenciando tensionamentos ético-estético-políticos dos/com/nos cotidianos nas tramas das sociedades ciberculturais. Nesse sentido, analisamos as pedagogias do ódio que emergem no jogo da produção da diferença em ambiências híbridas formativas (????[3]), tais como: redes sociais digitais, grupos e páginas online, músicas, pronunciamentos políticos...

Apostamos que as micropolíticas de ódio estão espalhadas por todos os lugares – ruas, escolas, famílias, igrejas, partidos políticos, redes digitais, etc. Elas compõem o tempo presente e pulsam seus desejos dentro, fora e através de nós (dentro-fora), agenciando movimentos de fixação da diferença – a emergência da identidade. Isso se aproxima em certa maneira daquilo que Rolnik (1997) chamava de toxincômanos de identidade, para referir-se ao desejo de permanecer o/a mesmo/a.

O discurso de ódio praticado por muitas pessoas – ou o desejo de se tornarem ou manterem-se operárias desse discurso – potencializa a produção da violência que desqualifica e injúria, no extremo, elimina a existência (física) dx outrx. Algumas condutas se aproximam de certo fanatismo (o apego intransponível a uma ideia). Essa produção do fanatismo vem sendo discutida por Oz (2017) nos seguintes termos: quando alguém tenta tornar o outro conforme a seu desejo e líquida o que considera abominação, isto é, impossibilita a produção da diferença, o processo de diferir e outrar-se: “O fanático não quer que haja diferença entre as pessoas. Sua vontade é que sejamos todos como um só homem” (OZ, 2017, p. 33). Ademais, o discurso ou os enunciados de ódio agem como forma de dominação, extermínio, assujeitamento, em muitas frentes e desde miríades de agentes – humanos e máquinas-humanas, que produzem e são produzidas na agonística da episteme de uma época/de (nossa época, o presente) que pressupõe que para que alguns possam continuar existindo outrxs devem ser eliminadxs.

Podemos dizer assim que se articulam em uma “necropolítica”, como “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146). As necropolíticas potencializam a produção de mundos de morte – de fazer morrer, apenas alguns deixar viver –, em que “vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146), vidas abjetas.

Gallo (2016) pontua que estamos vivendo um esgarçamento das relações interpessoais em nossa sociedade, atravessadas por questões políticas, sobretudo as que envolvem políticas afirmativas, cujo um dos propósitos é diminuir desigualdades sociais cristalizadas a séculos. Contudo, lado a lado às políticas afirmativas, formam-se movimentos (ultra)neoconservadores que se posicionam contra os privilégios e as formas de exclusão, passando a atacar brutalmente a todxs que identificam-se com essas políticas de resistência e oposição.

Ainda nesse fluxo, pessoas (ou o sentimento de pertencimento a uma certa moral) e movimentos (ultra)neoconservadores ou grupelhos (GUATTARI, 1987), tendo o cenário político-econômico-social caótico, e jogando ao seu favor, entram no campo da guerra discursiva e semiótica focando, acima de tudo, em questões voltadas à produção de pânico moral. Um exemplo bastante evidente tem sido percebido mundialmente em torno do argumento da ideologia de gênero, conforme apontado por Langnor (2017): são movimentos que mobilizam diversos segmentos em operações microfascistas, com o uso de múltiplas de linguagens – memes, vídeos, textos, áudio, site, gifs animados... e se estabelecem como fomento à argumentação em disputas legislativas e sociais mais amplas.

Apostamos que esse ódio contemporâneo decorre também do fato das normas de gênero e de sexualidade de nossa sociedade terem a heterossexualidade como referência, o modelo hegemônico e ideal a ser seguido, uma vez que é dada como natural e também como universal e normal. Essas normas classificam e organizam como desviantes, anormais, excêntricos, diferentes, nocivos, estranhos ou abjetos todos aqueles sujeitos que são dissidentes da referência hegemônica, elas são promotoras da lgbtqi+fobia, calcificando um ideal de humano (?????). As normas de gênero e de sexualidade perpetuam a manutenção de certos privilégios para determinados grupos, que por sua vez gozam de um amplo acesso a direitos e privilégios. São grupos que se produzem como hegemônicos, compostos por homens brancos, heterossexuais e cristãos que se sentem autorizados a restringir outras populações (LGBTQI+, mulheres, negrxs, pobres, índixs, nordestinxs) ao acesso à (micro)cidadanias cotidianas e se sentem no direito de representá-las em diversos espaços-tempos.

O Golpe de 2016 contra a democracia deixou evidente a atuação desses grupos hegemônicos em que “sexismo e misoginia participaram da construção de um ambiente político no qual uma mulher eleita foi contestada em sua competência e deposta”, conforme aponta Flávia Biroli (2018, p. 79).

Isso tem nos levado ao entendimento de que as ambiências formativas de ódio operam por uma episteme que, por sua vez, permeia maneiras de habitar, colonizar e governar a si e o/a outro/a. Ao tencionarmos a episteme de ódio (e suas pedagogias), focamos nossas análises em conjuntos de relações entre práticas discursivas do nosso atual Estado de Exceção ultraneoliberal que são partilhadas por distintas redes que atuam, operacionalizam e articulam suas práticas contra todxs aquelxs que não se enquadram à matriz hegemônica-normativa de gênero, sexualidade, classe, raça, articulada a outros marcadores sociais. É uma episteme facilmente apre(nde)ndida por muitas pessoas – posicionando sujeitos em um modo de pensar a si e aos/às outros/as, isto é, de tentar governar o/a outro desde um modo governar-se que pressupõe a sujeição dominadora desse/a outro/a.

Essas epistemes (de)formam vidas, levando-as a agir na direção de uma sorte de normopatia. Porém, são também resignificadas e reconstruídas, num fluxo contínuo, não-linear e em rede. Como afirma Foucault (2017b), os sujeitos são interpelados/as por formas de governo, mas igualmente governam a si mesmo/as nesse jogo. Sujeitando-se a uma determinada formação moral ou subjetivando-se em uma atitude de resistência, produzindo fugas, lançando-se em linhas de fuga, produzindo linhas...

Ao manifestarem seus ódios, os sujeitos incorporam entendimentos de mundo dos quais x outrx é visto como um ser ameaçador, que deve ser combatido, aniquilado, ferroadado, exterminado. Entendemos também que esses sujeitos que partilham das epistemes das ambiências de ódio não são idiotas culturais, muito menos ignorantes, burras ou sem noção, elas fizeram uma escolha baseada nas condições de possibilidade, muitas vezes sendo capturadas por privilégios.

Nosso cenário além de promover ideias e produções de Estado de Exceção a mando de exigências e de fascistas ultraneoliberais (não necessariamente personificadas, mas sendo representantes desse discurso) e contra a todos os seus inimigos (as diferenças), faz escolhas para salvar vidas, mas só as que vão ao encontro de seus interesses e lhes convém. E vem sendo marcado por políticas e práticas de segurança pública que visam ataques às autoridades defensoras de direitos humanos, como ocorreu em 2018 com o assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL/RJ) e com as intervenções federais.

2. Ética-estética-política do/com os cotidianos: cartografias ciberculturais

Nesta cartografia cibercultural (da/ na e com a cibercultura) partimos de mapeamentos de fluxos de acontecimentos, práticas e experimentações que compõem a ambiência da guerra de ódio à diferença de nosso tempo. Para isso, produzimos linhas de problematizações (linhas da cartografia, do mapa) a partir de rastros na arquitetura líquida da cibercultura em resíduos semióticos/enunciativos - em reportagens, entrevistas, vídeos, imagens, mobilizações, artigos científicos e não científicos, páginas e grupos de redes sociais. Com base nesses rastros, traçamos nossas leituras/afecções-cartográficas sobre as ambiências (de)formativas que servem de incubadora para promoção de atos de ódio contra todxs aquelxs interpeladxs como diferentes.

Nos traçados desta cartografia, lançamos mão de ferramentas conceituas foucaultianas (2008; 2013), tais como enunciado e discurso, pois a composição daquele, pressupõe a circulação desse (enunciados), é composta por uma rede de enunciados. Entendemos que acompanhar essa composição nos permite analisar a propagação de práticas odiosas fascistas e os seus desdobramentos na vida cotidiana cibercultural. Argumentamos aqui que nossa análise dos enunciados não é aquela da análise da linguística (proposição) ou gramatical (frase), mas do ponto de vista da sua condição de existência a partir de determinadas formulações. Enunciado que não reportar-se a um âmbito fundador, todavia apenas a outros enunciados para mostrar suas correlações, conexões, rupturas e exclusões, e situa-se dentro de nível específico de descrição, “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; um átomo do discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Já o discurso não é só apenas aquilo que é utilizado e se traduz em lutas e sistemas de dominação, mas também por aquilo que se luta e pelo poder do qual queremos nos apoderar, potencializando a produção de um sujeito ideal e imaginário social, é composto e atravessado por uma episteme de um determinado espaço-tempo e que, por exemplo, vem sendo constituído por múltiplas performances verbais e imagéticas na contemporaneidade em rede – práticas discursivas e não-discursivas. O discurso refere-se também ao “conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2008, p. 122). Ainda nessa direção, destacamos que produção do discurso em nossa sociedade é: “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT,

2013, p. 08-09).

Entendemos que esse mapeamento processual que estamos mobilizando é um gesto político, epistemológico, reflexivo e crítico, modo esse que exige dx pesquisadorx tomadas de posição e análises aprofundadas da complexidade de seu tempo. Nesse sentido, esta cartografia opera com os fluxos emergentes e descentralizados em ambiências ciberculturais que nos mobilizam em conexões e deslocamentos que fraturam com a sensibilidade da vida, com as relações partilhadas de afetos de si, com x outrx e com a ampliação da liberdade da existência. São fraturas que tornam o ar ao nosso redor irrespirável e a atmosfera poluída por discursos odiosos. Fraturas que adoecem corpos e transformam a saúde mental de quase todo o tecido social em estado de putrefação. Estamos nos referindo em todas aquelas práticas que faturam com a ética, que na perspectiva foucaultiana é também estética-político, e que de certo modo vêm contribuindo na produção de determinados tipos de sujeitos.

Ao mergulhar no estudo das práticas greco-romanas da Antiguidade, Foucault (2006; 2017a) desenvolve a ideia de ética como a condução de si, exercício de si sobre si e do conhecimento de si a partir de reflexões e práticas de si perante a regramentos e valores morais, que se desdobrariam num modo de ser no qual o sujeito é um espelho da pólis, constituindo-se em sujeito da moral, da ética ou da etho-poiética. Foucault destaca que há distintas formas de elaboração do trabalho ético que se operacionaliza sobre si mesmo, “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para transforma a si mesmo em sujeito da moral de sua própria conduta” (2017, p. 34). É uma ética voltada para as práticas de si e dos domínios de si que dão sentido e forma à construção da estilística da vida, das artes de si, isto é: a estética da existência (FOUCAULT, 2006). Estética na qual a vida é vista como uma obra de arte, é esculpida através do cuidado de si e toma forma a partir das relações que se estabelecem com si e com x outrx – algo que se pode afirmar nos termos de uma reflexividade ética, na análise que cada um/a faz diante de um determinado contingenciamento/código moral. Gallo (2012), seguindo o rastro foucaultiano, fala em ética como uma estética da existência, em que damos formas à vida criando um estilo, trata-se de encarar a vida como matéria-prima onde vamos imprimindo as formas, uma forma de viver, nos esculpimos, um estilo próprio de ser, viver e habitar.

A discussão não se esgota na questão ética-estética da existência, mas aprofunda para o político. Ao discorrer sobre a ética grega dos prazeres, os usos dos prazeres e as técnicas de si, Foucault (2006; 2017a) destaca que “a ética é a prática refletida da liberdade”, isto é, “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida pela liberdade” (FOUCAULT, 2006, p. 267). Liberdade essa que, para os gregos-romanos, significa não escravidão, não ser escravo de si e nem de outro homem, trata-se de uma questão do político, da liberdade como um cuidado de si e com a pólis, da liberdade como um modo de se comportar em relação aos outros.

Para esta cartografia, tecemos ainda interlocuções Rolnik (2016), uma vez que as ideias dessa autora nos permitem aproximações entre a noção de ética como afeção de mundo/no mundo/com o mundo. Ronilk (2016) aposta na ideia da qual o cartógrafo é uma sorte de antropófago, pois está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias - serve-se de fontes das mais variadas e não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo: “O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer as suas travessias: pontes de linguagem” (RONILK, 2016, p. 66).

A partir de nossas movimentações cartográficas trouxemos para as análises (na seção a seguir) os rastros de como a nossa vida cotidiana é constituída por complexas redes, em que (de)formam, afetam e levam a agir grupelhos a odiar pessoas que não se enquadram às (heterocis)normas hegemônicas.

3. Sobre a servidão ao ódio: uma cartografia da cis-hetero-normatividade

Os traçados de nossa cartografia acompanham desdobramentos de fragmentos que compõem a ambiência das redes (de)formativas para o ódio em nosso cenário político atual. Os primeiros que destacamos são referentes aos grupelhos normopatas da política parlamentar, sobretudo os fortes discursos propagados pelos deputados federais votantes a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em abril de 2016, conforme expostos a seguir:

“Eu, junto com meus filhos e minha esposa que formamos a família no Brasil, que tanto esses bandidos querem destruir com propostas de que crianças troquem de sexo e aprendam sexo nas escolas com seis anos de idade, meu voto é sim!” – Deputado federal e delegado Éder Mauro (PSD-PA). Fonte: Revista Época, 2016.

“Pela família! Pelos meus filhos, [...], pela minha esposa, pelos meus pais, pelo estado de Goiás, pelo futuro do Brasil, eu digo sim!” – Deputado federal Fabio Souza (PSDB-GO). Fonte: Folha de São Paulo, 2016.

“Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos da Casa: parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em salas de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade. Pela memória do Col. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias do Sul, pelas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, por Deus acima de tudo, meu voto é sim!” – Deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ). Fonte: Revista Época, 2016.

“Com a ajuda de Deus, pela minha família e o povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem pra Rua [...] Eu voto sim!” – Deputado federal e pastor-presidente da Igreja Assembleia de Deus Marco Feliciano (PSC- SP). Fonte: Folha de São Paulo, 2016.

Através desses discursos proferidos pelos deputados, delineamos alguns traços de nosso mapa dos fluxos enunciativos que compõe essa trama discursiva: o primeiro é que esses enunciados reverberam em distintos espaços-tempos, por diversos meios de comunicação, páginas, grupos e usuárixs online. São enunciados que engordam discursos que se entranham no imaginário social, são incorporados nas práticas diárias, produzem ficções de um certo ‘real’, normas regulatórias e subjetividades, traçando assim linhas invisíveis de modelos a serem seguidos e partilhados culturalmente. São discursos que se expandem, ganham capilaridade e servem de fonte para calcificar um modelo a ser perpetuado de família, sexualidade, posicionamento político, moral, ordem, religião, jogo (nada)democrático.

Pensar nessas redes de enunciados é traçar suas expansões em múltiplas redes e problematizar as tensões que a liberação da palavra trouxe para as práticas ciberculturais hoje, uma vez que tem potencializado a produção de discursos e agitado movimentos (ultra)neoconversadores, dos quais tentam capturar, governar e ensinar corpos a cultura para o ódio à diferença em nossa sociedade. Ademais, a liberação da palavra, mais do que possibilitar a comunicação interativa ou pós-massiva e na relação horizontal todxs-todxs, possibilitou também que práticas antiéticas e extremistas emergissem, sobretudo com a retomada da extrema direita ao poder.

Já o outro traçado cartográfico diz respeito à liberdade, ou “pela nossa liberdade” - Jair Bolsonaro (2016), isto é, liberdades de privilégios para determinados grupos e privação para outros grupos. Liberdade essa que cerceia pessoas de exercerem suas próprias liberdades como cidadãs: liberdades de si. É um ideal de liberdade que opera por linhas (heterocis)normativas rígidas, nas quais qualquer fuga ou desvio é visto não somente como uma infração, mas também como limitação do exercício da cidadania. Trata-se, na verdade, de uma liberdade privilegiada que é gozada principalmente por homens brancos, heterossexuais, cristãos e de classe média.

Os traçados da liberdade privilegiada são opostos à prática de liberdade ou liberdade reflexiva, problematiza por Foucault (2006; 2017a), pois eles rompem com a ética-estética-político da existência, é uma liberdade que autoriza a letalização da diferença – isto é, torna-se passível de letalidade o processo de diferir e ali onde a diferença é marcada, ela se torna alvo de investimento de fluxos expandidos de violência e morte. Não há cuidado de si, nem com x outrx e nem com a pólis. É uma ideia de liberdade que camufla uma visão e prática de vida autoritária, fascista. Além disso, é uma liberdade exclusivamente para si, egoísta, individualista, na qual a coletividade não importa, não há x outrx, somente a si. É, portanto, uma liberdade pensada e praticada por/para si e pela dilatação de seus próprios privilégios.

Os traçados cartográficos dos discursos expandidos e da liberdade privilegiada contribuem para visibilizar como opera a produção do sujeito padrão, ideal, modelo, privilegiado, ‘puro’, através das (heterocis)normas. Sujeito que não é LGBTI+, negrx, nordetinx, faveladx, mulher... Todavia, a produção desse sujeito ideal nunca é concluída por completa, rupturas e escapes as (heterocis)normas são constantes, o que por outro lado contribuem para a produção de novas (heterocis)normalizações, desdobrando-se na fabricação de novas e emergentes subjetividades.

Por meio desses traçados, é possível notar como os discursos dos deputados são marcados em episteme misógina, sexista, machista, LBGTI+fóbica, contra à constituição de múltiplos arranjos familiares e de crenças. É uma episteme voltada à promoção da guerra partilhada de ódio, que (de)forma pessoas e que se desdobra em violência online, verbal, física, psicológica, social... Esses traçados dos discursos expandidos e da liberdade privilegiada vão ao encontro das críticas que Birole (2018) faz em relação ao golpe de 2016, para quem é um golpe sexista, misógino, machista, voltado para o discurso de ódio, onde seus algozes lutam para perpetuar seus privilégios, em nome da família tradicional – homem, mulher e filhxs –, da manutenção da heterossexualidade como referência, contra à suposta ideologia de gênero e em nome de Deus.

Atreladas com essas redes (de)formativas dos grupelhos normopatas da política, trouxemos as redes (de)formativas de movimentos antidemocráticos e ultraconservadores, como o Movimento Brasil Livre, conhecido como MBL, uma vez que está alinhado com os discursos dos deputados federais votantes a favor do impeachment de Rousseff e em ações colaborativas de ferroadas em rede. Destacamos, como exemplo, a exposição do “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” ocorrida em 2017 no Santander Cultural de Porto Alegre, exposição que foi acusada pelo MBL de promover “blasfêmia contra símbolos católicos” e até pedofilia (Revista Fórum, 2017). Nessa mesma ocasião, tanto o deputado federal Marcos Feliciano (BALLOUSSIER, 2017) quanto o deputado federal Jair Bolsonaro (TV-Verdade, 2017) se posicionaram contra à exposição, inclusive Bolsonaro ressalta que o seu criador deveria ser fuzilado pelo fato de fazer mal às crianças. Esses ataques contribuíram para o cancelamento da exposição em 2017, contudo, a exposição foi reaberta ao público em 2018 no Parque Laje/ RJ.

Já num outro cenário, no evento “Os fins da democracia” promovido pelo Sesc Pompéia de São Paulo em 2017, esses mesmos grupelhos entram em cena para promover ataques de ódio contra pesquisadores da área de estudos gênero e sexualidade. Por meio de um vídeo publicado em sua página pessoal no Facebook, o deputado federal Marcos Feliciano (2017) ataca as palestrantes do evento, focando principalmente na filósofa Judith Butler, a qual o deputado-pastor a demoniza como criadora da ideologia de gênero e se refere ao evento como “uma autêntica miscelânea do mal”.

O MBL, conforme destacam os sites de notícias Revista Fórum, Diário do Centro do Mundo e Huffpost Brasil (2017), promoveu ataques para impedir a palestra de Butler nesse mesmo evento, os convites para os ataques foram realizados por meio de convocações de seguidorxs online, principalmente para avaliar negativamente a página online do evento, como fizeram com as páginas no Facebook que promoviam a exposição do Queermuseu. Foi criada também uma petição

online solicitando o cancelamento da palestra de Butler, 373.240 pessoas assinaram esta petição, um dos trechos da petição destaca que:

Não podemos permitir que a promotora dessa ideologia nefasta promova em nosso país suas ideias absurdas, que têm por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade (Petição online, 2017).

O evento “O fim da democracia” chamou à atenção de muitas pessoas, mobilizando várias delas ao local onde ocorrera a palestra de Butler e de demais convidadxs. No local, foram propagados diversos discursos protestando contra ao imperialismo da ideologia de gênero, muitos deles acalorados e de viés fascista, dos tipos:

“Fora, Butler!”

“Queima, bruxa”

“Não! Não! A essa ideologia”

“Não é o Brasil que vai aceitar que menino nasce menina! “Menino nasce menino! Menina nasce menina!” (The Intercept, 2017).

A partir desses exemplos com a arte no “Queermuseu” e com a ciência no caso da Judith Butler e demais pesquisadorxs, afirmamos que as ações desses grupelhos são semelhantes à de uma patrulha. Porém, não é qualquer patrulha, é uma horda/ou grupelho letalizador/a, a qual é esculpida à base do medo, insensibilidade, hostilidade, indiferença, ódio, raiva, violência, picadas tóxicas. Mas não só, como também por práticas moralizadoras da vida cotidiana, e pelo apagamento de culturas, do conhecimento científico, da dignidade humana entre outros que tanto esses grupos desejam.

Os traçados da patrulha letalizadora aproximam-se da discussão que Oz (2017) faz em relação ao fanatismo ao outro, para quem é um fanatismo que “às vezes surge do desejo ardente de viver a própria vida por intermédio do modo de vida de outra pessoa”. Poderíamos dizer assim de um fanatismo odioso que, além de desejar x outrx, demarca seus territórios sem o comprometimento ético de si e com x outrx; expande as suas latitudes e longitudes através do culto ao ódio e à regulação às diferenças; produz restrições; e intimida pessoas e instituições democráticas.

É importante problematizar que a patrulha letalizadora, em nossas apostas, promove também o pânico moral, isto é, aquilo que para Langnor (2017) se configura através de disputas sobre os valores sexuais e condutas eróticas de um grupo social, e que surge de forma intensa e perigosa a partir de uma desestabilização política em um determinado momento histórico. Nessa mesma direção, apontamos que a articulação de grupos/grupelhos fundamentalistas religiosos e (ultra)neoconservadores que propagam o pânico moral têm como alvos, principalmente, a produção acadêmica, os movimentos sociais, os projetos de lei de políticas afirmativas, escolas, universidades e os sujeitos que defendem igualdade de gênero, respeito à diversidade, direitos humanos. As atuações desses grupos/grupelhos tratam-se de uma neocruzada religiosa, política e econômica que assume princípios fascistas.

Por outro lado, é interessante analisar os rastros dessa patrulha letalizadora, rastros que deixam evidente as ações dos ataques de forma colaborativa, em rede, por múltiplos formatos e frentes de atuação: petição online; vídeos ao vivo em páginas pessoais; ataques a páginas pelo Facebook; convocação para manifestações em eventos... Esses traçados fazem parte de uma necropolítica, nos ajudam a pensar como esses grupelhos produzem estilísticas de existências onde são esculpidas monstruosidades, a destruição de afetos amorosos e solidários e, em casos extremos, a aniquilação dx outrx. É uma antiestética da sensibilidade da vida cotidiana ou se possível em pensar uma estética da destruição. Que nada tem a ver com a ética-estética defendida por Gallo (2012 p. 97), para quem “dar forma à vida é a tarefa da ética que nos compete como seres humanos”, uma vez que “somos livres para fazer de nossas vidas uma obra de arte. Instaurar a beleza com todas as suas formas”.

Uma outra linha/fluxo que acompanhamos é referente às ambiências (de)formativas da educação, em que deslocamos nossas problematizações para a questão da LGBTI+fobia em sala de aula, a partir de uma publicação (AMORIM, 2018) de um ex-aluno do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde relata experiências vividas de homofobia durante o seu processo formativo no curso. O relato teve 36 mil reações por meio de emoticon: 22 mil curtidas, 10 mil amei; 3,7 mil tristezas; 243 assustados; 55 raiva; e 11 sorrindo; e contou também com 3,3 mil comentários e 8,6 mil compartilhamentos.

Alguns dos trechos do relato do ex-aluno da Medicina foram destacados e compartilhados pela página do Facebook “Tem local”, que é uma página de mapeamento nacional de LGBTI+fobia, e teve 1.100 reações de emoticon: 529 de raiva; 296 curtidas; 272 de tristeza; 22 de assustado; 3 amei; 3 sorrindo; 125 comentários; e 1,455 mil compartilhamentos.

Figura 1 - trechos do relato de experiências homofóbicas



Fonte: Página Facebook Tem Local. Acessado em: 02/04/2018

Através das publicações do relato do ex-aluno, da página do Facebook Tem Local e seus desdobramentos na rede com reações em emoticon, partilhas e comentários, destacamos como a heterocisnormatividade se (re)produz fortemente em nossa sociedade, sendo inclusive uma marca dela - presente nos espaços educativos formais, como é o caso da universidade. Essa norma, que muitas vezes potencializa práticas de ódio, é um fragmento de um modelo de sociedade que ataca e mata todos os dias cidadãxs LGBTI+, modelo que autoriza a prática de extermínio da diferença.

Com base nessa experiência, argumentamos que as pessoas na vida cotidiana se sentem autorizadas a dizer o que pensam e a praticarem o que quiserem, sem se importarem com o compromisso ético com x outrx. Essa autorização nada mais é que uma manifestação e prática arbitrária, é operada diretamente também pelos status que ratifica o regime da heterossexualidade como superior, normal e natural, onde muitas pessoas se sentem no 'direito' em desqualificar as diferenças, inferiorizá-las, vê-las como anormais.

Esse traçado da autorização é antiético, cruel, desumano e deixa explícito como as sexualidades dissidentes sofrem constantes agressões (verbais, físicas, psicológicas, sociais e online) por não se enquadrarem na matriz dominante heterossexual, que 'serve' como referência, padrão, norma, exemplo... Logo, todxs aquelxs dissidentes ao modelo são marcados como infratorxs, pecadorxs, depravadxs, doentes, desestruturadxs e por conta disso devem sofrer penalidades, passar por exemplo por pseudoterapias de reversão da sexualidade, serem reabilitadxs.

As análises apontadas até aqui destacam o jogo produzido em nosso contexto atual, que é fortemente marcado por práticas que rompem com a ética-estética-política da existência e, sobretudo, constituído por necropolíticas fascistas. Ainda nessa direção, podemos dizer que os traçados analisados dão-se em rede, como práticas ciberculturais que compõem o hoje, em ambiências híbridas formativas (?????), onde a todo momento pessoas estão sendo (de)formadas, formação essa que exige tomadas de posições, se possível contra x outrx e a favor do desejo de si. Portanto, destacamos que os traçados que problematizamos aqui não são fixos, estáveis, permanentes, impermeáveis. Pelo contrário, são traçados que estão em constante mudança, são rompidos, reconfigurados, descentralizados, flexíveis e tomam distintas formas a partir dos jogos cotidianos, abertos à ressignificação.

4. Notas (in)conclusas para abrir novas conexões...

Nesta pesquisa cartográfica na/com a cibercultura, mapeamos traçados de algumas práticas de ódio que habitam em nós, destacando como atuam as suas epistemes fascistas e como estas constituem-se em ambiências híbridas (de)formativas produzidas discursivamente. Nesta experimentação, buscamos nos aproximar das ideias discutidas por Rolnik (2016), sobretudo quando essa autora destaca que o fazer cartográfico exige dxs cartógrafxs sentir o campo, imergir nele, deixar ser atravessado por ele e vivenciá-lo, a partir de uma intensa reflexividade ética. Como desdobramentos desta pesquisa traçamos o seguinte mapeamento:

- Odiar x outrx nos é ensinado-aprendido em múltiplos espaços-tempos e por variadas nuances dos (micro)discursos cotidianos, que por sua vez ratificam um ideal de sociedade, sem cessar.
- Os jogos das práticas cotidianas estão constantemente em estado de prontidão para a guerra ou mais que isso, para aniquilação, onde qualquer pessoa pode tornar-se a próxima vítima dos ataques.
- A antiética-estética-política da existência dos traçados cartográficos aqui expostos está voltada à destruição de todos aquelxs que não se enquadram as normas socialmente ditas 'aceitas', isto é as (heterocis)normas hegemônicas do homem branco, cristão, classe média e que goza de um amplo acesso à cidadania, vulgo "homem de bem".
- A liberdade dos corpos está sobre rígidos processos de vigilância, de controle e de enquadramentos, a captura desses corpos é um alvo sempre a ser prosseguido, principalmente por grupelhos de viés fascistas.

Os traçados mapeados nesta cartografia estão situados em uma rede cibercultural de práticas; mas não é qualquer prática, esta é constituída discursivamente, na qual é composta por "regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram [...] as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Por fim, ao fazermos o fechamento desta pesquisa outras redes (de)formativas fascistas se abriram, sobretudo a partir do acontecimento ocorrido na escola de Suzano/São Paulo, agora, em março de 2019, onde sujeitos promoveram um ato contra jovens estudantes, tudo tramado em fóruns de discussão da extrema direita e inspirado em ataques realizados em múltiplos contextos, como o que ocorreu em Columbine/EUA em 1999. Ainda nessa direção, outros ataques

estavam sendo planejados, como por exemplo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no campus Vale, principalmente contra negrxs e mulheres, conforme divulgado recentemente pela UFRGS e ratificado pela polícia federal (JORDÃO, 2019).

Referências

AMORIM, Gustavo Henrique. Relato de uma bixa carbonizada. Facebook, 28 de março de 2018. Disponível em: < https://www.facebook.com/Gustavo.hoa/posts/10213532953417062?__tn__=K-R>. Acessado em: 11/03/2019.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Ministros e deputados batem boca sobre “Queermuseu” e “MAM”. Folha de São Paulo, online, 18/10/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928228-ministro-e-deputados-batem-boca-em-audiencia-sobre-queermuseu-e-mam.shtml>>. Acessado em: 16/04/2018.

CASTRO, Giselle. Patrulha do MBL, agora, ataca o Sesc Pompeia por evento com Judith Butler. Huffpost Brasil, 27 de outubro de 2017, online. Disponível: < https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/27/patrulha-do-mbl-agora-ataca-o-sesc-pompeia-por-evento-com-judith-butler_a_23258770/>. Acessado em: 11/03/2019.

BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; e ARGOLO, Fernanda (Org.). O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: Edufba, 2018, p. 75-84.

Eles não desistem: Frota e MBL querem impedir palestra da filósofa Judith Butler em São Paulo. Revista Fórum, 31 de outubro de 2017, online. Disponível em: < <https://www.revistaforum.com.br/eles-nao-desistem-frota-e-mbl-querem-impedir-palestra-da-filosofa-judith-butler-em-sao-paulo/>>. Acessado em: 11/03/2019.

FELICIANO, Marcos. Vamos avaliar negativamente a página do SESC. Facebook, 27 de outubro de 2017, online. Disponível: < <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/videos/1148665788606772/>>. Acessado em: 11/03/2019.

FOUCAULT, Michael. Ética do cuidado de si como prática de liberdade. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006.

FOUCAULT, Michael. Arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7º edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 4º edição, 2017a.

FOUCAULT, Michael. História da sexualidade III: O cuidado de si. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 4º edição, 2017b.

FOUCAULT, Michael. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, 23ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GALLO, Sílvio. “o desejo deseja sua própria repressão”: traços de uma educação fascista. In.: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy William; MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro. 3ª Editora brasiliense (orgs.). O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita. 1ed., Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

GALLO, Sílvio. Ética e cidadania: caminhos da filosofia: elementos para o ensino de filosofia. Campinas, São Paulo: editora Papyrus, 20ª edição, 2012.

GUATTARI, Felix. A revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição, 1987.

GONÇALVES, Juliana. “Queimem a bruxa!” Visita de Judith Butler provoca manifestações nas ruas de São Paulo. The Intercept online, 7 de Novembro de 2017. Disponível: <<https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero/>>. Acessado em: 07/11/2017.

JORDÃO, Fernando. UFRGS aciona Polícia Federal após ameaça de ataque 'semelhante' a Suzano. Correio Braziliense, 20 de março de 2019, online. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/20/interna-brasil,744206/ufrgs-aciona-policia-federal-apos-ameaca-de-ataque-semelhante-a-suzano.shtml>>. Acesso em: 22/03/2019.

LANGNOR, Caroline. Os efeitos do pânico moral sobre o movimento feminista: ecos em direção à agenda conservadora. In: Encontro Nacional de Pós-graduação em Educação/ANPED, 38º Reunião Anual. Anais São Luís: Maranhão, 2017, p. 01-16.

LONGO, Ivan. Tempos sombrios: Após protestos do MBL, mostra com temática LGBT é cancelada. Revista Fórum, online, 17/09/2017. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/tempos-sombrios-apos-protestos-do-mbl-mostra-com-tematica-lgbt-e-cancelada/>>. Acessado em: 16/04/2018.

MBRMBE, Achille. Necropolíticas. Arte & Ensaios/Revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, dezembro 2016.

OZ, Amós. Mais de uma luz: Fanatismo, fé e convivência no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Patrulha do MBL quer impedir palestra de filósofa americana em SP. Diário do Centro do Mundo, 28 outubro de 2017, online. Disponível em: < <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/patrulha-do-mbl-quer-impedir-palestra-de-filosofa-americana-em-sp/>>. Acessado em: 11/03/2019.

Petição online. Cancelamento da palestra de Judith Butler no SESC Pompei. Citizengo, 26 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.citizengo.org/pt-pt/node/108060>>. Acessado em: 11/03/2019.

?????

?????

?????

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2ª edição, 2016.

Rolnik, Suely. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In Daniel Lins (org.): Cultura e subjetividade: Saberes Nômades. Papirus, Campinas 1997; p.19-24.

?????

TEIXEIRA, Zé Enrico. As pérolas do domingo de votação na Câmara: A votação para o processo de impeachment na Câmara reuniu algumas das melhores frases do ano na política Revista Época, 18 de abril de 2016, online. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/perolas-do-domingo-de-votacao-na-camara.html> Acessado em: 14/03/2018.

TV Verdade. Bolsonaro diz que "tem que fuzilar" quem fez a exposição Queermuseu. YouTube, 15 set. 2017, 59s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=87lpZzgG38g>>. Acessado em: 16/04/2018.

Tem Local. Homofobia na faculdade de Medicina da UFRJ denunciada por um aluno. Facebook, 30 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/temlocal/posts/786937764838572>>. Acessado em: 11/03/2019.

Veja frases dos deputados durante a votação do impeachment. Folha de São Paulo, 17 de abril de 2016, online. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1762082-veja-frases-dos-deputados-durante-a-votacao-do-impeachment.shtml>>. Acessado em: 14/03/2018

[1] Estamos usando o "x" como forma de desobediência às inflexões de gênero binárias. Com isso, desejamos operar em consonância aqueles que não desejam ser interpelados sob qualquer forma de operação linguística de gênero.

[2] Por questões éticas, destacamos que os dados analisados nesta presente pesquisa estão disponíveis em interfaces digitais de forma pública e de amplo acesso.

[3] Estamos utilizando a interrogação como uma forma de não identificar os autorxs na avaliação deste trabalho.